



Ayres

Aeroportos me deixam com muito tesão. Não sei se apenas pelas mulheres belas. Há o clima de perigo, a morte rondando. Pode ser que o avião caia e eu sobreviva com um time de vôlei feminino numa ilha deserta. A transa no banheiro talvez seja o último orgasmo da aeromoça.

Não só o vôo é excitante. A espera. O tempo que passa no saguão enquanto as pessoas circulam. Corpos interessantes desfilam, decotes revelam turbinas. Em aeroportos, sempre há aviões.

Estava eu a esperar meu vôo. Na sala de embarque, muitas pessoas e poucos lugares disponíveis. Ao meu lado, um assento vazio. Foi quando passou uma loira de olhos azul-piscina nos quais eu poderia mergulhar. Veio em minha direção, os cabelos dourados presos com firmeza, nenhum sorriso nos lábios pintados de vermelho-escuro. Olhei-a com igual fortaleza, sem demonstrar a satisfação por ela ajeitar-se para se sentar ao meu lado. Prometi-me ficar ao menos dez minutos sem lhe dirigir a palavra. Não queria parecer desesperado. Agüentei três e meio.

– Você sabe, vamos morrer. Nosso vôo vai cair – com voz serena, não a olhei.

De canto de olho, percebi que ela levantou a cabeça, franziu a testa. Deve ter pensado algo do tipo: “É louco, não vou dar conversa”.

– Eu sei que pode parecer estranho – insisti, esforçando-me para aparentar a maior calma. – Mas é fato que nós vamos morrer hoje. Essa pode ser sua última chance de conversar com um estranho no aeroporto.

– Eu nunca falo com estranhos – ela sussurrou.

“Garanto que não foi por falta de tentativa”, pensei. Mas não diria isso, não tinha intenção de elevar o moral dela. Ao contrário, tentei manter certa frieza.

– Eu também não – falei devagar. – Mas precisava dividir com alguém essa premonição.

O silêncio dela, agora, foi diferente. Parecia um sinal de comunicação. Não insisti mais, calei por uns três minutos. Deu certo.

– Que premonição é essa afinal?

Mulheres são curiosas. Isso é ótimo. Tentei dar um tom de preocupação à minha voz mentirosa.

– Eu tenho esses sonhos. Todos acabaram acontecendo. Primeiro, foi a morte do meu cão. Depois, um acidente de carro com meus pais. Felizmente, nada grave. Além disso, a gravidez da minha prima de 13 anos, a prisão do filho da empregada, o roubo da loja dos meus tios. Tudo eu vi antes em sonhos.

– Mas todas essas premonições acabam acontecendo? Todas elas? – já havia certo medo em sua voz.

– Bom, uma vez sonhei que o América tinha sido campeão. Mas aí seria demais...

Ela engoliu seco, preocupada.

– Você nunca toma alguma providência? Não avisa as pessoas envolvidas?

– Jamais. Seria antinatural. Não devemos mexer no que está escrito, no que deve acontecer. Por isso, vou embarcar no avião sem medo, sem receio. Aceito minha morte como condição da vida – mostrei controle na voz.

– Não, não pode ser. Ninguém faz isso, ninguém escolhe morrer. Você deve ser um miserável, um infeliz – ela já falava mais alto, surgia um desespero. Foi mais fácil que eu imaginava.

– Nada disso. Não vou contar a história da minha vida agora, mas posso garantir que vivo bem e não teria motivo algum para desejar a morte. A não ser, é claro, o fato de estar escrito.

– Mas, se você nunca fala nada... por que decidiu me abordar? E se eu fizesse um escândalo, impedisse o avião de partir?

– Baseado em quê? Apenas no meu pressentimento? Tomariam por louca, é claro.

– É verdade – ela parecia raciocinar em busca de uma solução. Já havia comprado minha mentira.

Ficamos mais alguns minutos em silêncio. Agora, era ela que insistia no assunto.

– Nunca houve falha nessas suas previsões? Nem umazinha que não tenha acontecido?

– Somente aquela do futebol. Não nego que, por causa dela, sempre mantenho certa esperança. Mas, infelizmente, o fenômeno nunca mais se repetiu. Foram todas na mosca.

A conversa foi interrompida por uma voz divinal que chamou nosso vôo. Era o momento do embarque.

– Vamos? – sorri com certa ironia.

– Não sei – ela mostrava insegurança. – Não sei se estou preparada.

– Você nunca está até acontecer. Pode ter certeza.

Minha firmeza a convencia.

Entramos no avião em silêncio. Ela foi à minha frente, fiquei espiando o belo traseiro a rebolar em saia justa. O tecido apertado não conseguia evitar que o formato das nádegas perfeitas ficasse à mostra. Se quisesse, aquela saia poderia cobrir ingresso de cada par de olhos tarados que a fotografavam mentalmente.

Por sorte – ou destino? – meu assento era próximo ao dela: eu estava no corredor à direita. Ela, uma fila à frente, do

outro lado do corredor. Posição ruim para uma conversa mais longa; ao menos, era possível alguma troca de frases.

Depois da decolagem, ela virou-se para mim.

– Quando vai ser?

– Não sei. Não faço idéia.

– Você não viu? Como era a cena?

Não estava preparado para aquela pergunta. Fiz cara de tentando lembrar. A resposta surgiu.

– No mar. Vai ser no mar.

Ela exibiu expressão de desgosto. Não imagino que diferença faria bater numa montanha, por exemplo. Mas percebi que minha resposta havia sido convincente.

– Ao menos, temos pouco mais de duas horas até sobrevoarmos o mar – ela constatou.

Minha estratégia não poderia estar dando mais certo.

– Pois é, nossas últimas horas – sussurrei, com cuidado para não alarmar de forma inconveniente os outros passageiros.

Avancei meu corpo para frente. Tentava aproximar-me.

– Venha cá, me dê a mão – tomei-lhe, de súbito, antes que dissesse não. – Fique calma.

Passei a segurar forte sua mão. Meu sangue acelerou o ritmo. Olhei bem para aqueles olhos azul-piscina. Pareciam tão firmes no aeroporto, enquanto ela passava. Agora, eram frágeis. A única firmeza era a dos seios, que esticavam o tecido da blusa e expunham-se, em parte, através do decote. Disfarcei o olhar e vislumbrei os mamilos pontiagudos sobressaindo-se graças à baixa temperatura do ambiente. Suei frio.

– Não pode ser verdade – ela exibia olhar triste. – Por favor...

– Calma, calma – agarrei sua mão mais forte. Segui sussurrando: – Não podemos alarmar os outros.

– Eu sei.

– Vamos pegar um copo d'água. Vai lhe fazer bem. Venha comigo.

Levantei-me e me dirigi à parte traseira do avião, onde poderia pedir um gole de frescor para a aeromoça, se fosse esse meu objetivo. Ela veio atrás.

Passamos a cortina e ficamos defronte ao toalete. Virei-me para ela e a encarei. Aproximei-me devagar, coloquei a mão em sua nuca. Acariciei lentamente. Ela fechou os olhos em concordância. Estava vulnerável, sensível. Tudo conforme o planejado.

Colei meu corpo no dela e a beijei devagar. Os lábios estavam trêmulos, um beijo desesperado pela ânsia da morte – ao menos para ela. Abri a porta do toalete e joguei nossos corpos para dentro. Tranquei.

Os mamilos agora estavam ainda mais bicudos, clamavam por atenção por detrás da blusa. Apertei-os com dedos ansiosos. Não parei de beijá-la enquanto descobria o corpo maravilhoso com as mãos. Abaixei sua saia e vi uma calcinha branca de algodão, quase inocente. O limite da pureza seria ultrapassado. Desgrudei-me da boca febril e explorei o corpo com os lábios. Teria de ser rápido para que ela não tivesse muito tempo de pensar. Mordisquei os mamilos, lambuzei a barriga. Puxei a calcinha e beijei aqueles lábios rosados. Beije com vontade absurda, como se o avião fosse mesmo cair, como se fosse a última vez a colocar a língua em uma vagina encharcada.

Ela emitia gemidos sufocados enquanto eu lhe beijava o interior das coxas e todas as zonas erógenas que encontrasse pela frente. Parei antes que ela gozasse, voltei subindo com a boca pelo corpo até chegar ao pescoço. Ela botou a mão na minha calça e encontrou o que procurava – ou talvez mais. Segurou firme. Abri a calça, a fiz baixar até o chão junto com

a cueca. Meu pênis latejante aninhou-se em meio às suas coxas. Ela colocou uma das pernas sobre o assento do vaso, abrindo-se para mim. Segurava com a mão meu pau e estava pronta para levá-lo para dentro.

– Vou pegar o preservativo – alertei.

– Para quê? Se vamos morrer mesmo, não precisamos diminuir nosso prazer.

Não havia o que dizer. Tive de aceitar e torcer para que ela não estivesse em período fértil. Ou coisa pior. Apaguei esses pensamentos desnecessários e a invadi com força. Nossos olhos se encontraram em silêncio. Estavam alucinados. Passei a me movimentar dentro dela bem devagar, com toda a calma. Não havia pressa.

Então, ouvi um estrondo. Gritos assustados ecoaram. “Que merda é essa?”, pensei, quase me distraíndo da trepada magnífica. Ela gemeu, implorou:

– É agora, não temos mais tempo. Venha, goze comigo.

Não havia como recusar o convite. Aumentei o ritmo, a beija enlouquecido enquanto anunciei o orgasmo que chegava.

O avião passou a tremer junto com nossas pernas no momento em que uma explosão tomou meu corpo. Lágrimas transbordavam dos olhos de piscina enquanto ela gozava junto comigo. Os gritos lá fora estavam em outra dimensão, algo que não nos atingia. Ao menos até eu cessar os movimentos e sair de dentro dela.

Nossos corpos se separaram ao som de mais um estrondo. Custei a acreditar. Ela puxou a calcinha e a saia, os olhos azuis ganhavam contornos vermelhos. Ela sabia o que estava acontecendo. Eu não fazia a menor idéia.

– Você estava certo – ela falou baixinho, aos soluços.

Abracei-a com calma. Tentava disfarçar o desespero e a curiosidade: eu precisava descobrir o que era aquilo!

– Ao menos, valeu a pena – ela concluiu.

“Putá merda, é claro que valeu”, pensei.

– Sem dúvida. Você é ótima. Se não fosse essa situação, eu pediria seu telefone – tentei amenizar.

Ela sorriu de canto. Beijou-me a face.

– Eu daria.

Senti algum remorso por ter enganado assim aquela coisinha doce. Ela era muito mais que um corpo perfeito e olhos fascinantes.

– Acho que agora temos de ver o que está havendo.

Sáímos discretamente do toailete. Em meio à confusão, não havíamos sido notados.

O avião tremia. Muito. Tive de me segurar forte para não cair no chão. Ela apoiou-se em mim, quase um abraço. Uma aeromoça passou por nós com os olhos cheios d’água. Ajoelhou-se num canto e pôs-se a rezar.

Conseguimos alcançar nossos lugares. Mais um barulho enorme veio da parte traseira do avião. Passamos a perder altitude. Não pensei em nada durante a descida rápida, apenas consegui mirar mais uma vez minha companheira, pousar meus olhos nos seios e segurar-lhe a mão com carinho.

Acordei numa cama de hospital, não sei quantos dias depois. Havia sobrevivido à queda do avião. Meu primeiro reflexo foi perguntar por ela. Naquele momento, percebi que sequer sabia seu nome.

O casamento aconteceu em menos de um ano. Ao nosso filho, chamamos Ayres.

– E aquelas premonições, querido? Nunca mais aconteceram? – ela perguntou casualmente, um dia desses.

– Jamais.